



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Ashik-Kerib. Conto de fadas turco

Ashik-Kerib. Turkish Fairytale

Autor: Mikhail Iúrievitch Lérmontov

Tradutor: Biagio D'Angelo

Edição: RUS Vol. 11. Nº 17

Data: Dezembro de 2020

DOI:



Ashik-Kerib.

Conto de fadas turco

Mikhail Iúrievitch Lérmontov
Tradução de Biagio D'Angelo*

Introdução

*Professor Doutor de Teoria, Crítica e História da Arte na Universidade de Brasília. Mestre em língua e literatura russa pela Universidade de Veneza Ca' Foscari. Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade Russa de Estudos Humanísticos (RGGU) de Moscou, Rússia. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 (CNPq). <https://orcid.org/0000-0001-9333-4461>; biagiodangelo@gmail.com

Escrito por Mikhail Lérmontov (1814 – 1841) em 1837, mas publicado uma década depois, em 1846, o conto “Ashik-Kerib”¹ tem origem no imenso arquivo de relatos e contos populares amplamente difundidos na Transcaucásia, na Ásia Central e no Oriente Médio, e que dali chegaram, com variações, até a cultura europeia medieval e renascentista. Rastros desse arquivo gigantesco estão presentes, por exemplo, no *Decameron*, de Boccaccio, especialmente na IV Jornada, dedicada ao amor cortês.

O enredo da história é uma das numerosas variações do tema do “retorno do marido”, conhecido, principalmente, na forma em que o marido ou o noivo volta justamente no dia do casamento de sua noiva. “Ashik-Kerib” é um conto popular que, como diz o subtítulo, foi considerado por Lérmontov

¹ O título dessa obra de Lérmontov merece uma breve explicação. Como detalharemos mais à frente, ao longo desta Introdução, o significado etimológico de “Ashik” (*Aşiq*) em língua azeri, quer dizer “cantor”, “músico”, “*ashug*”; e ainda mais, “Kerib” (*Qərib*), sempre em língua azeri, pode ter vários significados: “pobre”, “estrangeiro”, “estranho”, “que canta tristemente”. O título poderia ser traduzido, portanto, também literalmente: “o cantor pobre”, “o cantor estrangeiro”, ou ainda, por exemplo, “Ashik, o cantor triste”. Mas a opção foi por deixar o nome completo, como se estivesse se tratando do pseudônimo com o qual o herói será identificado ao longo de sua história aventurosa.

um “conto de fadas turco”. Pela riqueza de vários elementos linguísticos provenientes de diversas culturas caucásicas, os críticos lermontovianos estão convencidos de que este “conto de fadas” foi contado ao poeta russo por alguns *ashugs* (os músicos de *saaz*, a balalaica turco-azeri-caucásica), com muita probabilidade de origem azerbaijana. O repertório e o discurso retórico dos *ashugs* apresentavam modalidades da poética popular, incluindo relatos que misturam histórias, lendas e crenças de fontes etnolinguísticas interculturais, como era, naquele tempo, a multiforme paisagem geocultural do Cáucaso vivenciada por Lérmontov. Lérmontov conseguiu registrar e transmitir, com grande precisão lírico-poética, não apenas o enredo, ele conseguiu também manter as diversas características coloquiais e tradicionais linguísticas, religiosas e éticas.

O conto de Lérmontov se inspira em um *dastan*,² forma tradicional de relato oral com caráter épico, difundido em toda a Ásia Central, e rico de ensinamentos morais para o indivíduo e para a coletividade. Interpretado por um *ashug*,³ espécie de poeta-aedo e cantor, o *dastan* que Lérmontov remodelou em “Ashik-Kerib” está baseado, como já mencionamos, em uma variante dessa fábula conhecida em todo o folclore caucásico: as aventuras de um homem para conquistar e se casar com a mulher amada. Basta pensar que todas as culturas e todos os idiomas da Ásia Central conhecem esse relato épico que pertence ao imenso patrimônio comum de oralidade e da escrita dos povos caucásicos, mesmo que com variações às vezes bastante marcadas: de fato, encontra-se em azeri como “Aşiq Qərib”; em armênio como “Aşiq Qərib”; em georgiano como “აშიკი რაიბი”; em turco como “Aşık Garip”; em turcomeno como “Şasenem-Garyp”.

Em seu ensaio *Turco-Russica: contributi turchi e orientali alla letteratura russa* (2003), o estudioso italiano Giampiero Bellingeri afirma que “o registro do *dastan* azeri *Ashik-Kerib*

2 A palavra “dastan” em persiano antigo quer dizer “história”.

3 Um dos mais importantes e destacados *ashughs* foi o armênio Sayat Nova (1712-95), que aperfeiçoou a poesia e a música oriunda dos *troubadours* franceses medievais com grande originalidade, elegância e requinte. O cineasta Serguei Paradjanov dedicou-lhe o filme *A cor da granata* (Цвет граната), 1968.

representa um dos exemplos do enorme interesse de Lérmontov para o folclore do povo do Azerbaijão".⁴ A lenda épica sobre Ashik-Kerib se espalhou entre armênios e georgianos graças à comunicação com o povo do Azerbaijão, sinal da extraordinária circulação de múltiplos saberes naquele cruzamento de regiões diversas culturalmente, mas irmanadas.

Com efeito, viajando pelo Cáucaso e pela Transcaucásia, Lérmontov mostrou um interesse especial pela cultura popular e pela oralidade. Durante o período de permanência no Cáucaso, já tinha escrito "Ashik-Kerib", mas o conto foi publicado só postumamente em uma antologia literária organizada por Vladímir Aleksándrovitch Sollogub, conde, escritor e amigo de Lérmontov, em 1846, em São Petersburgo, e somente em 1936 foi achado e reconhecido o autógrafo de próprio punho do autor.

Seria interessante comparar as versões do *dastan* para oferecer um estudo articulado sobre os motivos que depois permearão o conto lermontoviano. Porém tratar-se-ia de um trabalho que iria além de uma breve introdução à tradução do conto. Daremos apenas alguns detalhes: ao contrário daquela de Lérmontov, a versão que serviu de inspiração principal tem uma forma peculiar e mais usual para a cultura azeri: com efeito, a estrutura do *dastan* azeri se apresenta como um "romance folclórico", em que a oralidade da história narrada se alterna com curtas inserções poéticas, quase improvisações de marca musical, graças às quais os *ashugs* podiam demonstrar bravura e virtuosismo no canto melódico e no uso do *saaz*, o alaúde centro-asiático. No conto de Lérmontov, pelo contrário, não existem digressões líricas, o que torna "Ashik-Kerib" mais parecido com a estrutura e a tipologia do conto de fadas tradicional e de matriz europeia.

Difícil afirmar com exatidão quais fontes linguístico-culturais foram usadas por Lérmontov na composição desse conto. O crítico azerbaijano Mikael Rafli⁵ (1905-1958) chamou a

4 Giampiero Bellingeri, *Turco-Russica: contributi turchi e orientali alla letteratura russa*, Istanbul, Isis, vol. Analecta Isisiana LXVIII, 2003, p. 154 (262 pp.).

5 Destacado poeta e crítico literário soviético do Azerbaijão, tradutor do alemão, do francês

atenção para o fato de que, no texto “Ashik-Kerib”, Lérmontov manteve palavras da língua azeri, explicando seu significado entre colchetes: *aha* [senhor], *ana* [mãe], *oglan* [jovem], *rashid* [bravo], *saaz* [balalaica], *gorursez* [ver], *misr* [egípcio e, por extensão, vinho] – e até o nome da cidade georgiana de Tiflis (Tbilisi) que o poeta russo reproduziu segundo a pronúncia azeri, Tifliz.

Um dos mais destacados estudiosos da obra de Lérmontov, também reconhecido filólogo e folclorista, Iraklí Andrónikov⁶ (1908-1990) observa que “Ashik”, no Azerbaijão, pode assumir vários significados: “apaixonado”, em sentido figurado, mas também “cantor” e “poeta”; além disso, “kerib” pode significar tanto “andarrilho” quanto “pobre homem”. Mas, ao mesmo tempo, é um nome próprio azero. É justamente nesse jogo de palavras, como Andrónikov observa, que está construída a conversa de Ashik-Kerib com sua mãe cega (o cantor diz a ela seu nome, mas ela pensa que um andarrilho está pedindo para passar a noite na casa dela). Considerando esses fatos, Andrónikov chega à conclusão de que Lérmontov pôde ouvir o conto de fadas da boca de um “tártaro da Transcaucásia”, assim como naquela época eram chamados os azerbaijanos. O conto de Lérmontov também contém elementos turcos, árabes, armênios e persianos: o nome da personagem de Khaderilíaz, por exemplo, é finalmente identificado por Lérmontov com São Jorge, assim como se encontra no folclore armênio e georgiano.

De acordo com Mirzá Fatalí Akhúndov,⁷ escritor e pensa-

e do russo das obras de diversos autores, entre os quais Goethe, Balzac, Hugo, Verhaeren, e Tolstói, Rafili foi arrestado no início de 1937, com a acusação de ideias contrarrevolucionárias e de “pan-turquismo”, e por opor-se à poesia popular azerbaijana, de cunho soviético, e por defender as tendências formalistas na literatura.

6 Entre os ensaios e as monografias sobre Lérmontov, as publicações de Iraklí Andrónikov incluem *Рассказы литературоведа* (1949), *Лермонтов* (1951), *Лермонтов. Исследования, статьи, рассказы* (1952), *Лермонтов в Грузии в 1837 году* (1955).

7 Mirzá Fatalí Akhúndov (1812-1878), que na época servia como intérprete no gabinete do governador do Cáucaso, encontrou Lérmontov em Tbilisi. Veemente opositor do islamismo e da influência negativa de todas as religiões sobre a formação pedagógica dos povos, Akhúndov foi uma figura moderna e controvertida. É considerado o fundador do teatro em língua azeri. Seus ensaios filosóficos são fortemente marcados pela filosofia materialista francesa do Iluminismo.

dor azeri do século XIX, Lérmontov escreveu “Ashik-Kerib” enquanto estava em Tbilisi, e Iraklí Andrónikov acredita que Lérmontov ouviu essa história a partir das palavras do mesmo Mirzá Fatalí Akhúndov, contemporâneo do poeta russo. Foi com ele que Lérmontov começou a aprender o tártaro (ou seja, o azero, conforme a terminologia da época), que, segundo o autor de *O herói de nosso tempo*, seria absolutamente “necessária como o francês na Europa”.

Uma curiosidade. Com base nesse conto de Lérmontov, Serguéi Parajanóv produziu, em 1988, com Dodo Abashidze, uma versão cinematográfica de “Ashik-Kerib”, muito original, no estilo típico do cineasta armênio, com as interpretações dos atores que acompanharam amiúde os trabalhos do diretor: Yuri Mgoyan e sua “musa”, Sofiko Chiaureli.

Ashik-Kerib *Conto de fadas turco*

Muito tempo atrás, na cidade de Tiflis, vivia um rico turco. Muito ouro deu-lhe Alá, mas mais precioso do que ouro era-lhe a sua única filha, Magul-Meguerí. Bonitas são as estrelas no céu, mas atrás das estrelas vivem anjos, e são elas ainda mais bonitas. E assim Magul-Meguerí também era a mais bonita de todas as meninas de Tiflis. Havia também em Tiflis o pobre Ashik-Kerib. O Profeta não lhe tinha dado nada além de um coração magnânimo e o dom do canto. Tocando o *saaz* (a balalaica turca) e glorificando os antigos cavaleiros do Turquestão, participava dos casamentos, alegrando os ricos e os afortunados. Num desses casamentos, viu ele Magul-Meguerí, e os dois se apaixonaram. Pouca esperança tinha o pobre Ashik-Kerib de obter a mão dela, e ele se tornou triste, como o céu do inverno.

Um dia, enquanto estava deitado no jardim, embaixo de uma videira, finalmente adormeceu. Foi naquele momento que Magul-Meguerí passou por ali com suas amigas, e uma delas, vendo o *ashik* (isto é, o músico da balalaica) adormecido, afas-

tou-se das amigas e dele se aproximou: “O que está fazendo dormindo embaixo da videira?”, ela cantou. “Levante-se, bobão, a sua gazela está passando.” Então ele acordou e aquela donzela voou para longe como um passarinho. Magul-Meguerí ouviu a música que ela tinha entoado e começou a repreendê-la: “Se você soubesse”, respondeu, “a quem eu cantei essa música, você me agradecerá: este é o seu Ashik-Kerib.” “Leve-me até ele”, disse Magul-Meguerí, e elas se encaminharam. Ao ver o seu rosto triste, Magul-Meguerí começou a lhe fazer perguntas e a confortá-lo. “Como posso não ficar triste”, respondeu Ashik-Kerib, “eu te amo e você nunca poderá ser minha.” “Peça a minha mão ao meu pai”, disse ela, “e meu pai fará nosso casamento com o dinheiro dele e doar-me-á uma recompensa que será para nós mais que suficiente.” “De acordo”, respondeu ele, “suponhamos que o *agá*⁸ Ayan esteja disposto a todo sacrifício pela sua filha, mas quem me diz que, depois, você não me culpará pelo fato de que eu não tinha nada e lhe devo tudo? Ah, não, minha querida Magul-Meguerí, a mim mesmo eu jurei: prometo sair peregrinando pelo mundo afora por sete anos e ganhar riqueza, ou perecer em desertos distantes. Se você está disposta a tudo isso, então, após esse termo, minha será.” Ela concordou, mas acrescentou que, se no dia marcado ele não voltasse, ela se tornaria esposa de Kurshud-bek,⁹ que há muito tempo a pedia em casamento.

Ashik-Kerib foi até a sua própria mãe, pediu a benção dela pela viagem, beijou a irmã caçula, por cima do ombro pendurou uma sacola, pegou o cajado de peregrino e deixou a cidade de Tiflis. Mas aí o alcançou um cavaleiro: era Kurshud-bek. “Boa viagem”, gritou para ele o *bek*. “Onde quer que você vá, ó peregrino, serei seu companheiro.” Ashik não estava feliz com essa companhia, mas não havia o que fazer. Eles caminharam juntos por um longo tempo, quando afinal viram um rio diante

⁸ “Agá” (em turco: ağa, “mestre”) era um título de oficial civil ou militar ou judicial, e parte de alguns títulos usados no Império Otomano. Habitualmente, o título se posicionava após o nome do oficial. No conto russo, Lérmontov escreve-o como “Ayan-Agá”.

⁹ “Beg” ou “bek” era um título nobiliárquico turco adotado por diferentes governantes dentro dos territórios dos antigos Império Seljúcida e Império Otomano. Originalmente, era o título atribuído ao chefe de clã turcomano – geralmente fiel a um determinado sultão.

de si. Não havia nem ponte nem vau. “Nada à frente”, disse Kurshud-bek, “eu irei em seguida.” Ashik tirou a veste toda e começou a nadar. Depois de atravessar o rio, do outro lado, olhou para trás e, ó desgraça!, ó Alá Todo-poderoso! Kurshud-bek pegou aquela veste e, galopando, voltou a Tiflis. Só uma nuvem toda empoeirada, como uma cobra, subia por trás dele na planície plana.

Uma vez em Tiflis, o *bek* leva a roupa de Ashik-Kerib para a sua velha mãe: “Seu filho se afogou em um rio profundo”, disse-lhe, “eis aqui a roupa dele.” Com uma dor indescritível, a mãe caiu sobre a roupa daquele amado filho e começou a derramar suas lágrimas quentes sobre ela; depois pegou-a e levou-a para a nora prometida, Magul-Meguerí. “Meu filho se afogou”, ela disse, “Kurshud-bek trouxe sua roupa. Você está livre.” Magul-Meguerí, sorrindo, respondeu-lhe: “Nisso não acredite, é tudo uma invenção de Kurshud-bek. Antes que passem sete anos, ninguém meu marido será”. E então, da parede, pegou o *saaz* e, tranquila, começou a cantar a música favorita do pobre Ashik-Kerib.

Enquanto isso, o peregrino, descalço e nu, chegou a um certo vilarejo. Pessoas piedosas o vestiram e o alimentaram, e ele, como sinal de gratidão, entoou para eles canções maravilhosas. Assim passou ele de um vilarejo a outro, de cidade em cidade, e sua fama se espalhou por toda parte. Finalmente, chegou a Khalaf.¹⁰ Como de costume, entrou em uma “casa de café”, pediu o *saaz* e começou a cantar. Naquela época, em Khalaf, morava o paxá,¹¹ que muitíssimo amava os cantores: a ele haviam trazido muitos, mas nem um só fora de seu agrado. Seus *tcháushî*¹² estavam exaustos de tanto correr pela cidade. De repente, passando pela “casa de café”, ouvem uma voz incrível. Eles correram para dentro e gritaram: “Venha conosco à casa do grande paxá ou você vai nos responder com sua

10 “Khalaf” (também denominada “Halab”, “Halpa”) era o antigo nome da cidade de Alepo, no noroeste da Síria. Em 1516, foi conquistada pelos turcos otomanos.

11 “Paxá” é um título honorário turco, dado a altos generais, governadores e dignatários das províncias do Império Otomano.

12 De origem turca, a palavra “chaush” (çayuş) identificava um sargento ou um vigia à disposição do paxá.

cabeça”. “Eu sou um homem livre, um peregrino da cidade de Tiflis”, disse Ashik-Kerib. “Se quero, irei, e se não quero, então não irei. Canto quando quero, e o paxá de vocês não é meu patrão.” Apesar de tudo isso, Ashik-Kerib foi conduzido à força e levado ao paxá. “Canta”, disse-lhe o paxá, e ele começou a cantar. E nessa música ele glorificou sua amada Magul-Meguerí, e essa música foi tão apreciada pelo orgulhoso paxá, que ele quis em seu palácio o pobre Ashik-Kerib. Ashik-Kerib foi revestido de ouro e prata, e as roupas ricas nele brilharam. Ele começou a viver feliz e alegre, e muito rico ficou. Se ele esqueceu Magul-Meguerí, não sei, mas sei que o prazo estava se aproximando, estava o último ano prestes a terminar, e ele nem se preparava para partir dali.

A bela Magul-Meguerí começou a se desesperar. Naquele tempo, estava prestes a partir de Tiflis um mercador com uma caravana de quarenta camelos e oitenta escravos. Ela o chamou e entregou-lhe um prato de ouro: “Pegue este prato”, disse-lhe, “e, em toda cidade onde for, mostra-o no banco e anuncie em todo lugar que aquele que se reconhecer dono do meu prato e conseguir prová-lo o obterá e ganhará, além disso, seu peso em ouro.” O mercador partiu e em todo lugar executava a ordem de Magul-Meguerí, mas ninguém se reconhecia como dono daquele prato de ouro. Após ter vendido quase todas as suas mercadorias, chegou com o que lhe restava à cidade de Khalaf. E, em todos os lugares da cidade, anunciava a incumbência de Magul-Meguerí. Ao ouvir isso, Ashik-Kerib correu para o caravançarai e viu o prato de ouro na loja do mercador de Tiflis. “Isso é meu”, disse, agarrando-o com a mão. “É justamente o seu”, disse o mercador, “eu o reconheci, Ashik-Kerib. Vá logo para Tiflis, a tua Magul-Meguerí ordenou-me lhe dizer que o prazo está prestes a expirar e que, se você não estiver lá no dia marcado, ela com outro casar-se-á.” Em desespero, Ashik-Kerib agarrou a cabeça: restavam apenas três dias até a hora fatídica.

Contudo, montou a cavalo, levou consigo um saco de moedas de ouro e se pôs a galopar, a toda pressa, sem poupar o cavalo, que por fim, exausto, caiu, sem vida em Erzinjan, entre

as cidades de Erzincan e Erzurum.¹³ O que mais podia fazer? De Erzinjan a Tiflis havia ainda dois meses de viagem, e só faltavam dois dias. “Alá Todo-Poderoso!”, exclamou, “se não me ajudar, não tenho nada mais a fazer nesta terra.” E queria se jogar de um alto penhasco, mas, de repente, viu em baixo um homem em um cavalo branco e ouviu uma voz altissonante: “Meu filho,¹⁴ o que você quer fazer?”. “Quero morrer”, Ashik-Kerib respondeu. “Desça aqui, pois, se assim for, eu mesmo vou te matar.” Ashik, por fim, desceu do penhasco. “Siga-me”, disse o cavaleiro em tom de ameaça. “Como posso te seguir?”, respondeu Ashik, “seu cavalo voa como o vento, e a minha bolsa está pesando muito.” “Verdade. Pendure sua bolsa na minha sela e segue-me”, mas Ashik-Kerib ficou para trás, por mais que tentasse correr: “Por que está atrasado?”, perguntou o cavaleiro. “Como posso seguir se seu cavalo é mais rápido que o pensamento, e eu estou já sem forças?” “É verdade, sobe no meu cavalo e me diga com sinceridade: aonde você precisa ir?” “Bastaria que eu pudesse chegar até Erzurum”, respondeu Ashik. “Então feche os olhos.” E ele os fechou. “E agora abra-os.” E Ashik olhou: e eis diante dele as muralhas embranquecidas e os minaretes brilhantes de Erzurum. “Perdoe-me, *agá*”, disse Ashik, “me enganei, queria dizer que preciso ir para Kars.”¹⁵ “Escuta bem”, o cavaleiro respondeu, “eu o preveni a me dizer a verdade. Então torne a fechar os olhos, agora torne a abri-los.” Ashik não acreditava que aquela cidade fosse Kars, então caiu de joelhos e disse: “Perdoe-me, *agá*, três vezes

13 Erzincan é uma cidade que faz parte hoje da região da Anatólia Oriental, na Turquia. Outros nomes ou grafias em turco caídas em desuso são Erzinjan e Erzindjan. Erzurum também é uma cidade do leste da Turquia. É a antiga Jesurum ou Yesurum dos tempos de Moisés, de que se fala na Bíblia. No âmbito da literatura russa, a cidade de Erzurum é famosa justamente pelo relato de viagem escrito por Aleksandr Púshkin, *Путешествие в Арзрум* (“Viagem a Erzurum”), publicado pelo poeta russo em 1836. Nesse trecho, é provável que a primeira Erzinjan seja uma localidade pequena entre as cidades maiores e mais conhecidas de Erzincan e Erzurum.

14 No original, Lérmontov utiliza a palavra “Оглан” (Oglan), que, de origem azeri, significa afetuosa e familiarmente “filho”, “discípulo”, “jovem”.

15 Hoje cidade do extremo nordeste da Turquia. Historicamente, de grande importância do ponto de vista da sua localização geográfica, aos confins e na encruzilhada com grandes estados poderosos, desde a Idade Média, Kars foi uma região dominada principalmente pelos russos e pelos turcos. Kars foi disputada pelos persas e, mais tarde, pelos georgianos e pelos armênios.

culpado é esse seu servo Ashik-Kerib, mas você mesmo sabe que, se uma pessoa decidiu mentir já desde manhã cedo, então deverá mentir até o final do dia. Na verdade, o que preciso mesmo é ir até Tiflis.” “Que raça de mentiroso você é!”, disse com raiva o cavaleiro, “mas não há o que fazer: eu te perdoo. Então feche os olhos. E agora abre”, acrescentou depois de um instante. Ashik gritou de alegria: estavam às portas de Tiflis. Após ter manifestado sua sincera gratidão e retirado sua bolsa da sela, Ashik-Kerib disse ao cavaleiro: “Agá, certo, a sua boa ação foi grandiosa, mas faça ainda mais, pois, se eu for dizer agora que cheguei de Erzinjan a Tiflis num dia só, ninguém há de acreditar em mim. Dê-me uma prova.” “Incline-se”, disse ele, sorrindo, “e pegue um pouco de terra debaixo dos cascos do cavalo e esconde-a na roupa. E, então, se eles não acreditarem na verdade de suas palavras, peça-lhes para levar a cega até você, que já está há sete anos nessa situação, unge-lhe os olhos – e ela verá.” Ashik pegou um pedaço de terra sob o casco do cavalo branco, mas, mal levantou a cabeça, cavaleiro e cavalo tinham desaparecido. Então, no fundo de sua alma, ele se convenceu de que aquele seu padroeiro não podia ser outro senão Khaderilíaz (São Jorge).¹⁶

Só ao final da noite Ashik-Kerib encontrou sua casa: bateu na porta com a mão trêmula e disse: “Ana, ana (mãe), abra: sou um convidado de Deus, tenho frio e fome, peça-lhe, em nome de seu filho errante, que me deixe entrar”. A voz fraca da velha respondeu-lhe: “Para pernoite dos viajantes, há as casas dos ricos e fortes. Agora mesmo há um casamento na cidade. Vá lá. Ali você poderá para passar a noite se divertindo”. “Ana”, respondeu ele, “não tenho conhecidos aqui e, portanto,

¹⁶ Khaderilíaz ou Haderilyaz (transcrito às vezes como Hadrilíaz) é um profeta muçulmano cujo nome está ligado à antiga lenda muçulmana conforme a qual a alma do profeta Khidr se mudou para o profeta Ilya (ou segundo a versão azeri, Iliáz). A monumental *Enciclopédia do Islã* (*Encyclopédie de l’Islam*, t. II. Leyde – Paris, 1927) não fornece essa identificação. Contudo, em várias lendas citadas ali, Khidr (Khadir) e Ilya agem lado a lado. Lérmontov deixa no texto que o herói foi ajudado pelo próprio São George. Trata-se de influência típica do folclore armênio e georgiano, no qual a ação comum de Khaderilíaz com São Jorge se encontra com bastante frequência, sinal de um sincretismo religioso muito difundido na época. Lérmontov conhecia certamente tal visão sincrética. Hoje é ainda possível encontrar a mistura sincrética do profeta e do santo em certo material textual e iconográfico da Romênia.

repito-lhe meu pedido: pelo bem de seu filho errante, deixe-me entrar." Então sua irmã disse à mãe: "Mãe, vou me levantar e abrir a porta para ele". "Desgraçada", respondeu a velha, "você está feliz em aceitar jovens e tratá-los honradamente porque, há sete anos, perdi a vista pelas lágrimas derramadas!" Mas a filha, sem dar atenção às críticas dela, levantou-se, abriu a porta e fez entrar Ashik-Kerib. Após pronunciar a saudação de sempre, ele se sentou e, dissimulando sua emoção, começou a olhar em volta, e viu, pendurado na parede, em um estojo empoeirado, seu *saaz* melodioso. Começou então a perguntar à sua mãe: "O que está pendurado aí na parede?". "Você é um convidado curioso", respondeu ela, "deveria agradecer por lhe estarem dando um pedaço de pão e o deixarem ir embora amanhã na paz de Deus." "Eu já disse", objetou ele, "que você é minha querida mãe, e esta é minha irmã, e é por isso que lhe peço para me explicar o que é isso pendurado na parede." "É um *saaz*, um *saaz*", respondeu a velha com raiva, sem acreditar nele. "O que é um *saaz*?" "Saaz significa que se pode tocar e cantar músicas com ele." Então Ashik-Kerib pediu para a irmã pegar o *saaz* para vê-lo mais de perto. "Não pode", respondeu a velha. "Este é o *saaz* do meu infeliz filho, já faz sete anos que ele está pendurado na parede, e nenhuma mão de vivente o tocou." Mas sua irmã se levantou, pegou da parede o *saaz* e entregou-o para ele. Então ele, levantando os olhos para o céu, pronunciou esta oração: "Ó Alá Todo-Poderoso! se eu tiver que alcançar o fim desejado, então meu *saaz* de sete cordas estará tão afinado quanto naquele dia em que o toquei pela última vez". E então golpeou as cordas de cobre, que ressoaram em bela harmonia, e ele começou a cantar: "Eu sou o pobre *kerib* (um mendigo), e pobres também são minhas palavras, mas o grande Khaderilíaz me ajudou a descer um rochedo íngreme, embora eu seja pobre e pobres sejam também minhas palavras. Reconheça-me, minha mãe, seu filho peregrino eu sou". Depois desse canto, a mãe explodiu em soluços e perguntou-lhe: "Qual é o seu nome?". "Rashid" (o corajoso), respondeu ele. "Uma vez fala, outra escuta, Rashid", disse ela, "com teus discursos, em pedaços cortaste meu coração. Esta noite sonhei que na cabeça meus cabelos ficavam brancos, e são já

sete anos que perdi a vista por tantas lágrimas derramadas. Diz-me tu, que tem a voz dele, quando meu filho voltará?” E por duas vezes ainda, em choro, ela para ele repetiu a pergunta. Em vão ele disse que era seu filho, mas ela não acreditava. Depois de um tempo, ele perguntou: “Deixe-me, mãe, pegar o *saaz* para ir embora. Ouvi dizer que há um casamento por aqui, minha irmã me acompanhará. Ali tocarei e cantarei, e tudo o que receber trarei aqui e com vocês compartilharei”. “Não vou permitir”, respondeu a velha. “Desde que meu filho se foi, seu *saaz* não saiu desta casa.” Mas ele jurou que não ia danificar nem uma corda. “E se uma corda quebrar”, Ashik continuou, “então respondo com tudo aquilo que está em minha posse.” A velha apalpou as sacolas e, notando que estavam cheias de moedas, deixou-o ir. Após tê-lo acompanhado até a rica mansão onde se ouvia o barulho do banquete de núpcias, a irmã permaneceu à porta para ouvir o que ia acontecer.

Naquela casa vivia Magul-Meguerí, e naquela noite ela deveria tornar-se esposa de Kurshud-bek. Kurshud-bek estava banqueteadando com sua família e seus amigos, enquanto Magul-Meguerí, sentada com as amigas perto de um suntuoso *tchapra* (tapete pendurado), segurava em uma mão uma tigela com veneno e na outra uma adaga afiada: ela prometeu morrer antes de pôr a cabeça no tálamo de Kurshud-bek. Mas de trás do *tchapra*, ela ouviu que chegava um estranho a dizer: “*Salam aleikum*. Já que estão aqui para se divertir e se deliciar com o banquete, deixem que eu, um pobre peregrino errante, possa aqui sentar com vocês, e para vocês cantarei”. “E por que não?”, disse Kurshud-bek. “Aqui deveriam entrar cantores e bailarinos, porque aqui está havendo um casamento. Cante alguma coisa, então, *ashik* (cantor), e eu deixarei você ir com um punhado de ouro.” Então Kurshud-bek perguntou-lhe: “Qual é o seu nome, viajante?”. “Shindy-Guierurses (em breve saberá).”¹⁷ “Mas que diacho de nome é esse!”, exclamou ele com uma risada. “É a primeira vez que ouço um nome parecido!” “Quando minha mãe estava grávida de mim e sofria as dores do parto, muitos vizinhos se aproximavam da porta e

17 Também nesse caso, trata-se de uma explicação do próprio autor.

perguntavam se era menino ou menina, e ela respondia a todos: 'Shindy-Guierurses' (*em breve saberão*). E é por isso que, quando nasci, me deram esse nome". Depois disso, ele pegou o saaz e começou a cantar: "Na cidade de Khalaf, bebi vinho de Misr,¹⁸ mas Deus me deu asas, e para cá voei em um dia".

O irmão de Kurshud-bek, um homem tolo, sacou uma adaga e exclamou: "Você é um mentiroso! Como é que pode chegar aqui de Khalaf num só dia?". "Por que você quer me matar?", perguntou Ashik, "Geralmente, cantores chegam aqui dos quatro cantos do mundo, e eu nada lhes estou pedindo, acreditem em mim ou não." "Deixa que ele continue", disse o noivo, e Ashik-Kerib recomeçou a cantar: "Rezei o laudes¹⁹ da manhã no vale de Erzinjan, o do meio-dia na cidade de Erzurum, antes de pôr o sol, na cidade de Kars, e o da noite em Tiflis. Asas deu-me Alá e até aqui voei. Deus não permita que me torne uma vítima do cavalo branco. Como cavalgava rápido! Como um dançarino na corda bamba, de vale em vale, de monte em monte, o Mauliam (o criador) deu asas a Ashik, e ele voou para o casamento de Magul-Meguerí". Então Magul-Meguerí, reconhecendo sua voz, jogou o veneno em um canto e a adaga em outro: "Então você manteve seu juramento". A ela disseram suas amigas: "Portanto, hoje à noite você será a esposa de Kurshud-bek". "Vocês não reconheceram, mas eu reconheci a voz a mim querida", respondeu Magul-Meguerí. E, pegando a tesoura, cortou o *tchapra*. Quando ela olhou, reconhecendo, com certeza, Ashik Kerib, então gritou, correu abraçá-lo e caíram ambos desmaiados. O irmão de Kurshud-bek se precipitou para eles, com um punhal, para esfaqueá-los, mas Kurshud-bek o parou, dizendo: "Acalme-se e saiba: o que está escrito no destino de um homem ao nascer, isso não pode ser mudado". Recuperando-se, Magul-Meguerí ficou toda vermelha pela vergonha, cobriu o rosto com a mão e se escondeu atrás

¹⁸ Muito provavelmente, aqui Lérmontov se refere a Misr, antigo nome do Egito.

¹⁹ No original russo, Lérmontov escreve "намаз" (Namaz). "Namaz" ou Salá, Salat ou Salah é o nome dado às cinco orações públicas que cada muçulmano deve realizar diariamente, voltado para Meca. Há cinco "namaz" diários e estes representam um dos pilares da oração islâmica. Nesta tradução, para uma melhor compreensão em países lusófonos, optou-se por uma versão próxima à liturgia católica das horas dos monges e das freiras, ainda em uso devocional na Igreja Católica.

do *tchapra*. “Agora claro está que você é Ashik-Kerib”, disse ao noivo. “Mas diga-nos, como você conseguiu em tão pouco tempo percorrer um tão grande espaço?” “Como prova da verdade”, respondeu Ashik, “meu sabre cortará uma pedra, e, se eu mentir, então meu pescoço se tornará mais fino que um fio de cabelo. Melhor ainda, trouxe-me a mulher cega que há sete anos não vê a luz de Deus, e eu lhe retornarei a visão.”

A irmã de Ashik-Kerib, que estava parada na porta, ouvindo essas palavras, correu para a mãe. “Mãe!”, gritou, “Com certeza, é meu irmão, seu filho Ashik-Kerib.” E, pegando-a pelo braço, levou a velha ao banquete nupcial. Então Ashik tomou aquele pedaço de terra que tinha guardado no peito e, após passar água nele, o espalhou nos olhos da mãe, dizendo: “Que todo mundo saiba quão poderoso e grande é Khaderilíaz”. E sua mãe recuperou a visão. Depois disso, ninguém se atreveu a duvidar da verdade de suas palavras, e Kurshud-bek cedeu-lhe, em silêncio, a belíssima Magul-Meguerí.

Então, com grande alegria, Ashik-Kerib lhe disse: “Escute, Kurshud-bek, vou consolá-lo: minha irmã não é pior que a sua ex-noiva. Sou rico, ela não terá menos prata e ouro. Então, casa com ela, e sejam tão felizes quanto eu e a minha amada Magul-Meguerí”.

FIM

Referências bibliográficas

BELLINGERI, Giampiero. *Turco-Russica: contributi turchi e orientali alla letteratura russa*, Istanbul, Isis, vol. Analecta Isisiana LXVIII, 2003.

LERMONTOV, Iu. M. “Ashik-Kerib: Turetskaia skazka”. In: *Sotchinienia v 6 tomakh*. Moscou; Leningrado: Izdatelstvo AN SSSR, 1954-1957. Tom 6. Prosa, pisma. – P. 194-201. Russkaia literatura i folklor. Disponível em: <<http://feb-web.ru/feb/lermont/texts/lerm06/vol06/le6-194-.htm>>. Acesso em 26/09/2020.

Recebido em: 01/11/2020

Aceito em: 16/11/2020

Publicado em dezembro de 2020